

CONFORME O DISPOSTO NA FICHA DE INSCRIÇÃO, EXPLÍCITE:

- a) Área de inscrição: **8. Psicologia**
- b) Modalidade de pesquisa: **8. Fenomenológica**
- c) Trabalho a ser apresentado de acordo com: **modalidade de pesquisa (fenomenológica)**

***SE EU NÃO FIZESSE ALGUMA COISA, IRIA SE PERDER UMA
PRECIOSIDADE PARA O BRASIL: ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA
EXPERIÊNCIA DE UMA GUARDIÃ DE MEMÓRIAS***

Roberta Vasconcelos Leite e Miguel Mahfoud

*Universidade Federal de Minas Gerais
vasconcelosroberta@ufmg.br; mmahfoud@fafich.ufmg.br*

Resumo

Objetivamos investigar a experiência de uma guardiã de memórias contemporânea: Olga Sodré, que se dedica à difusão da obra de seu pai, Nelson Werneck Sodré, o “general do povo”. Realizamos entrevista semiestruturada, analisada fenomenologicamente. Analisando os resultados, percebemos que, ao elaborar como refaz o elo entre gerações, ela apresenta uma possibilidade de compromisso com o passado que não provém de um dever imposto, mas da atenção à própria experiência que permite viver a tradição de modo vitalizado: sintonizado com o que é correspondente ao próprio ser e empenhado em despertar o maravilhamento como forma privilegiada de promover uma memória realmente viva. Concluímos que para dar continuidade de modo próprio ao que lhe foi transmitido, Olga reafirma a centralidade dos valores que convergem num ideal que a tradição suscita em si, num processo que pode ser entendido como forma de concretizar a redenção proclamada por Benjamin.

Palavras-chave: Memória coletiva. Guardiões de Memórias. Fenomenologia.

Abstract

We aim to investigate the experience of a contemporary guardian of memories: Olga Sodré, who is dedicated to the diffusion of the work of her father, Nelson Werneck Sodré, the "general of the people". We conducted a semi-structured interview, analyzed phenomenologically. Analyzing the results, we realize that in elaborating how the intergenerational link is rewritten, she presents a possibility of commitment to the past that does not come from a duty imposed, but from the attention to her own experience allows to live the tradition in a vitalized way: which corresponds to one's own being and is committed to awakening wonder as a privileged way of promoting a truly living memory. We conclude that in order to give continuity in her own way, Olga reaffirms the centrality of the values that converge in an ideal that tradition provokes in herself, in a process that can be understood as a way of concretizing the redemption proclaimed by Benjamin

Keywords: Collective memory. Guardians of memories; Phenomenology.

Introdução

Uma filha que vivenciou o centro das revoluções culturais de sua geração luta contra o esquecimento da figura de seu pai. O militar marxista que se opôs ao golpe de 64, que sofreu

retaliações e prosseguiu lutando com seus escritos não merece ser esquecido. Ela busca promover a memória dele na ocasião do centenário de seu nascimento e coloca em domínio público as publicações dele, tudo para que sua obra se torne patrimônio do povo brasileiro.

Experiências como estas nos calam profundamente. É como se algo prestes a se dissolver na poeira do tempo fosse descoberto, polido e apresentado ao mundo. Algo precioso e que não se conserva por si: é preciso que alguém assuma essa árdua tarefa, que se dedique de modo sistemático ao trabalho da memória, podendo chegar a estruturar obras de preservação cultural. Pessoas que, como verdadeiros guardiões de memórias contemporâneas¹ iniciam algo surpreendente em nosso tempo ao se empenharem com o que tomam do passado.

Nos tempos de desenraizamento e liquidez (BAUMAN, 2003) em que vivemos, o trabalho da memória assume o sabor de panaceia e de veneno: ela poderia nos salvar da aridez de uma época em que a humanidade não mais se reconhece ao olhar-se no espelho? Ou agarrar-se ao passado irá nos encarcerar em castelos de incompreensão?

Encontramos em Borghesi (2007) reflexões fecundas acerca desse caráter paradoxal. A memória como registro pode dar voz aos esquecidos dos discursos oficiais, celebrando a diversidade, trazendo cor e complexidade à cena histórica, mas tropeça às vezes no perigoso bairrismo que lhe persegue o calcanhar. A memória como resistência ao empalidecimento das injustiças sofridas pode se transformar em vingança, quando os oprimidos se tornam opressores na desforra das feridas que seguem sangrando, à espera do verdadeiro bálsamo. A memória como repetição pode atualizar sentidos e também oprimir o novo. Mas que é o novo sem o toque sutil do antigo? A criatividade flerta com a restauração: o original que não conhece seus lastros inadvertidamente sucumbe aos mesmos obstáculos e erros já enfrentados.

A memória abre múltiplas questões e fenômenos passíveis de análise. Seu caráter a um só tempo pessoal e coletivo atrai nosso olhar, matizado por nossa inserção no campo da psicologia social. Seus desafios e paradoxos contemporâneos atijam nossa curiosidade enquanto psicólogos pesquisadores da cultura. Ao longo de nosso percurso de investigações em comunidades marcadas pelo caráter tradicional (LEITE, 2016; LEITE; MAHFOUD, 2010, 2013), percebemos que nessas comunidades a experiência mais profundamente individual de percepção de si pode se ligar intimamente ao modo de elaborar a tradição sem que isso cause

¹ Simson (2003) indica que o papel social de guardiões de memórias cabe aos idosos em “sociedades da memória”, função que foi sendo gradativamente obliterada na história ocidental. Entendemos ser interessante tomar a mesma expressão para designar pessoas que tomam iniciativa de se dedicarem ao cultivo da memória em contextos contemporâneos justamente como forma de explicitar a peculiaridade de experiências desse tipo.

estranhamento àqueles formados em sociedades modernizadas. Ante essas ressonâncias, emergiram em nós questionamentos: se parece fácil aceitar a continuidade no contexto tradicional, como compreender os guardiões de memórias nas “sociedades do esquecimento” (SIMSON, 2003), em que a imposição do consumo acrítico de informações subjuga a função seletiva da memória? Em nosso tempo, até o cultivo da memória familiar soa intrigante: por que dedicar tempo à lembrança dos que se foram? O que ganha alguém ao lutar para transmitir à posteridade algo que não provém de si?

Entendemos que o fenômeno que nos interessa investigar convida-nos a reconhecer um ponto complexo de imbricação entre pessoa e mundo. Não poderíamos empreender este esforço de pesquisa sem reconhecer que foi Ecléa Bosi (2006) quem consolidou na psicologia social brasileira o reconhecimento da memória como porta privilegiada para o acesso à íntima conexão entre o pessoal e o coletivo. Nosso trabalho, tributário desta contribuição, tematiza a memória por outra perspectiva: nosso foco é investigar a mútua constituição sujeito-mundo a partir do modo como a pessoa vive e se apropria de sua dedicação à memória.

Nesse sentido, situamo-nos no âmbito da psicologia da cultura de orientação fenomenológica (AUGRAS, 1995; LEITE; MAHFOUD, 2010; MAHFOUD, 2003) ao enfocarmos um fenômeno cultural a partir das vivências das pessoas que o protagonizam. A memória é invocada por sua inserção fronteiriça: a experiência de quem preserva algo nos parece ser material privilegiado para a compreensão da mútua constituição pessoa-mundo, justamente porque se entrevê um eu que se realiza na dedicação a algo que lhe foi passado.

Referencial teórico-metodológico

Adotamos a perspectiva da fenomenologia clássica de Husserl (2006, 2012) e Stein (2007) como referencial teórico-metodológico. Entendemos que o caminho aberto pelos fenomenólogos permite superar o subjetivismo e a descrição objetivante da estrutura e práticas sociais ao analisar a cultura privilegiando a constituição originária da consciência e do mundo por ela experimentado (ALES BELLO, 1998; VAN DER LEEUW, 1964).

Situando-nos na esfera da psicologia fenomenológica da cultura (AUGRAS, 1995), visamos apreender a mútua constituição pessoa-mundo por meio das elaborações dos sujeitos. A elaboração é reconhecida como via de acesso privilegiado à vivência porque nela o sujeito atualiza o processo de constituição de si e do mundo (LEITE; MAHFOUD, 2010): reconstrói

a experiência ressignificando práticas e crenças de sua coletividade e dialogando – ainda que implicitamente – com contradições e crises de sua organização social (MAHFOUD, 2003).

A participante da pesquisa foi selecionada pelo procedimento de amostragem intencional (GIL, 2008). Formulamos critérios para o reconhecimento de figura emblemática para a temática estudada e buscamos, considerando a possibilidade de acesso, identificar pessoas que atendessem a tais critérios: 1) adequação ao perfil de guardião de memórias contemporâneo (pessoa que, não sendo membro de comunidade tradicional, toma iniciativa e se dedica à preservação cultural de algo que toma do passado); 2) incidência social da atuação do sujeito, com vistas a favorecer a compreensão dos modos como a elaboração pessoal contribui para a constituição do mundo; 3) possibilidade de privilegiar um sujeito cuja formação profissional a princípio não implicaria na dedicação a atividades dessa natureza, mas que, por diferentes motivos, tomou para si esta tarefa de preservação.

Com este procedimento, identificamos quatro guardiões de memórias², tendo escolhido analisar neste trabalho a experiência de Olga Regina Frugoli Sodré. Filha do general e historiador Nelson Werneck Sodré (grande expoente marxista da gera o de intelectuais brasileiros de 1950-1960 e opositor da ditadura instaurada no Brasil em 1964), dedicou-se   promo o da memória dele a partir de 2008, tendo como mote a celebra o do centenário de seu nascimento em 2011. Sua iniciativa foi reconhecida por importantes  rgoos de comunica o, setores do governo federal e institui es de proje o nacional como Biblioteca Nacional, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Academia Brasileira de Letras.

Os dados foram coletados em entrevista semiestruturada de orienta o fenomenológica, inteiramente gravada em áudio e realizada em julho de 2013, no apartamento de Olga. Entendendo a importância de que em nossa pesquisa não fosse mantido sigilo quanto   identidade da participante, além da assinatura do Termo de Consentimento Esclarecido, recebemos autoriza o para manter os nomes próprios de todas as pessoas e institui es citadas. Na entrevista buscamos favorecer a descri o das vivências (BARREIRA; RANIERI, 2013) partindo de uma pergunta norteadora que convidasse a explicitar como elabora seu envolvimento com atividades de preserva o cultural. A pergunta proposta foi: como você chegou a se envolver neste trabalho dedicado   memória? Não seguimos um roteiro com

² Considerando os critérios definidos para sele o e a viabilidade de acesso aos sujeitos, os quatro guardiões de memórias identificados foram: Ausier Vinícius dos Santos, Anette Hoffmann, Olga Regina Frugoli Sodré e José Eduardo Ferreira Santos. Os dados relativos às entrevistas e análises dos demais sujeitos estão disponíveis em Leite (2015).

outras questões elaboradas e quando necessário, buscamos auxiliá-la a retomar a descrição do modo como vivencia os temas abordados (BOSI, 2006).

Realizamos transcrição integral da entrevista audiogravada e textualização do material, de modo que o conjunto se configurasse como narrativa. Na análise dos dados, seguimos as diretrizes de van der Leeuw (1964). Buscamos colecionar diversas formas de posicionamento do sujeito para chegar a uma síntese complexa característica da elaboração da experiência.

A seguir, apresentamos nossa análise da experiência de Olga. Para favorecer a dinâmica da leitura e o acesso à experiência, optamos por grafar em *itálico* todas as expressões retiradas da transcrição, intercalando-as com nossas sínteses e compreensões. Por fim, na discussão dos resultados, buscamos confrontá-los com marcos teóricos para ampliar e retificar as análises.

Resultados

Em uma manhã de agosto, encontramos Olga em seu apartamento. Afetuosa, ela narrou o período de quatro anos dedicados à memória de seu pai e da geração que ele integrava. O brilho em seus olhos ao descrever a conflagração do Centenário do pai alternava-se à indignação ao denunciar o descaso com nosso passado que impera no Brasil.

Começo pelo início, a história é importante. É preciso entender que meu pai, Nelson Werneck Sodré, é figura importante de uma época: os anos 1950 e 1960. Este foi o período de auge de uma certa intelectualidade brasileira, que interferiu nos destinos do país antes do golpe de 1964³. Nesta época o Brasil também vivia os Anos Dourados (...). Uma época em que se formou a cultura brasileira, em que havia integração entre cinema, teatro, literatura, política. Os intelectuais se reuniam. Vocês não conhecem essa época, porque, no máximo, vêm na televisão ou internet.

Olga nos apresenta seu trabalho em torno do Centenário de Nelson Werneck Sodré como esforço para que *não se perca a história de uma época*. Por meio da exaltação de uma personalidade excepcional – *militar* que foi o *maior teórico marxista* de sua geração, *homem muito íntegro* e *pensador humanista de ampla visão* – a promoção de sua memória se constitui como chave de acesso ao que foram os Anos Dourados, a quem foram os intelectuais brasileiros das décadas de 1950 e 1960, ao que foi o Exército antes do golpe de 1964. A figura de Nelson, o *General do Povo*, merece ser conhecida e, como ícone de seu tempo, conhecê-lo é retomar muito do auge de uma *cultura abrangente* que merece ser igualmente admirada.

A memória é isso: uma geração passa para a outra a sua memória. No Brasil, a minha geração foi cortada, exilada, morta. Nós éramos a sucessão da geração do

³ Conjunto de eventos ocorridos em 31 de março de 1964 no Brasil, que culminaram no golpe de Estado deflagrado em 1 de abril, em que um grupo de militares assumiu o governo do país, encerrando o governo do presidente João Goulart, o Jango.

meu pai. Mas foi dispersa, acabou, cortaram. Eu chamo isso aborto da memória, não houve a passagem. Quando as pessoas voltaram, já estavam numa outra.

Aquela cultura não teve continuidade em virtude de um empenho deliberado para soterrá-la, daí a necessidade de uma verdadeira *luta* para possibilitar que as novas gerações tenham memória e *orgulho* da própria história. Ao narrar *o ciclo de quatro anos* dedicados à promoção da memória de seu pai, Olga afirma se dedicar àquilo a que foi chamada:

Estava fazendo um livro sobre psicologia oriental, que é a minha especialidade, quando pensei: se eu não começar a preparar o Centenário do meu pai em 2011, não vai acontecer, a memória dele vai se perder! E a memória dele é mais importante para o Brasil do que o meu livro.

Em sua elaboração, não foi por ser ativa ou por estar interessada num retorno individual que ela passou a se dedicar a esse projeto. A origem de seu gesto é apresentada num questionamento que a invade – *como vai ser?* – diante do qual sua resposta é categórica: *se eu não começar a preparar o Centenário, não vai acontecer, a memória vai se perder!* Enquanto se dedicava ao próprio trabalho, a consciência do valor e da fragilidade da memória atravessa sua experiência. Olga se vê diante de uma evidência dramática que é tomada como convocação: é urgente que eu me posicione e cuide do valor que se revelou a mim.

Uma revelação tão arrebatadora que a fez relativizar a importância da contribuição especializada que poderia dar à psicologia: a memória de Nelson e da intelectualidade que ele integrava *é mais importante que seu trabalho pessoal*. Uma consciência que explicita a primazia do que é amplo e para todos em detrimento do que é específico e para poucos: a admiração pela excepcionalidade da pessoa dele e pelo quê essa geração representa para o país tomam a cena, evidenciam uma experiência de dever e indicam o que ela precisa afirmar.

No modo como se dedica a esse chamado, identificamos que Olga carrega a espera que o mundo reconheça o valor que ela já reconheceu. Por isso ela se empenha tanto nos trabalhos do Centenário e toma a decisão *inédita* de colocar as obras do pai em domínio público e autorizar a Biblioteca Nacional a disponibilizá-las em versão digital: a possibilidade de ampliar o reconhecimento da grandeza intelectual dele a mobiliza a *abrir a porta*, abrindo mão da exclusividade de publicação a que tinha direito.

Enquanto isso eu continuava escrevendo, insistindo, buscando parcerias para que o Ano do Centenário pudesse se concretizar. Ninguém mais se manifestava, mesmo os grupos antigos, intelectuais, políticos. Na realidade eles queriam tomar as rédeas, não queriam fazer uma coisa conjunta.

Nesse processo, ela se dá conta de que não pode cuidar sozinha do que é significativo para si e nem quer que um único grupo tome a dianteira: é preciso que o trabalho de cuidado seja coletivo. Enquanto acolhe o que a ela se apresenta como chamado e lança propostas, Olga

deseja *envolver todas as instituições*. Mas, mesmo priorizando *uma coisa muito boa* para todos, mesmo dando tudo de si à defesa de *uma preciosidade para o Brasil*, ela vivenciou o drama de não ser capaz de garantir o que tanto desejava: *não acontecia nada*. No trabalho para concretizar o Centenário, tornou-se clara para ela a discrepância entre o seu modo de responder e a dinâmica das *pessoas das instituições que acordam mais lentamente*.

Enquanto vivia o drama de perceber que a realização almejada não depende unicamente de si, ela elabora que um acontecimento inesperado – um amigo tornou-se secretário municipal de cultura e *surge a ideia do Ano Nelson Werneck Sodré em Itu* – é o realizar-se de sua aspiração: alguém se tornou protagonista junto a ela na *luta pela memória* e a partir daí vão acontecendo os *eventos todos*: o movimento do outro se soma aos seus esforços, viabilizando a almejada comemoração, as homenagens, os relançamentos de livros, a repercussão na mídia e nas pessoas, a retomada da obra por parte de alguns historiadores.

Em sua elaboração, mesmo tendo se *esforçado muito* para isso, a realização do desejo é vivida como acontecimento excepcional e surpreendente. Ela colhe um desnível entre a configuração anterior desfavorável e a *conflagração* de acontecimentos cuja *amplitude* entende pedir o reconhecimento de uma intervenção do *divino na história*. Apreendendo a realidade como providencial, ela descobre o próprio ser como *protegido e amparado*: sua experiência é inundada pela presença de um Outro que a *conduz* e envolve num laço amoroso.

Porque a coisa se impulsionou de uma tal maneira, que só acredito ter sido obra do Espírito Santo. Veja: eu explicar uma coisa que é do plano materialista por uma coisa que é do plano espiritual, mas é porque houve uma conflagração.

Olga sabe bem a polêmica que seu modo de ler os acontecimentos instaura, sabe que seus companheiros interpretam o processo de outra forma: *ele é materialista, eu é que me senti protegida nessa obra*. A clareza de que nem todos compartilham sua visão de mundo, no entanto, não lança dúvidas sobre a *experiência extraordinária* que vivenciou e sobre a opção por ler o real integrando os planos material e espiritual. A *conflagração* emerge como um fato cuja excepcionalidade corresponde e intriga, sendo dada a cada um a liberdade de buscar a compreensão mais razoável para sua existência.

Durante esse período todo, dos quatro anos, o retorno para mim foi muito bom. Porque me reintegrei à história nacional, tive que mergulhar lá dentro da memória para fazer isso. Eu tinha largado a história (...), mas voltei a escrever sobre o assunto e foi muito bom para mim, renovei minha história, fiz o elo das gerações.

Olga viveu todo esse processo com *empolgação*. Compreendemos que para ela concretizar o *gesto de amor* pelo pai e pelo Brasil foi uma experiência de realização pessoal:

permitiu que integrasse dimensões da própria experiência que se encontravam desconectadas e que se aproximasse de pessoas que *retribuíam* e afirmavam a importância de sua iniciativa. Se re-conectando à própria história e à história do país, ela reconhece que *fez o elo das gerações*, colhendo um grande *retorno para si* e semeando *repercussões* no mundo.

Entendemos que essa ressonância coletiva, para Olga, é aspecto radical da possibilidade de concretização do ideal que a estimula. Enquanto aconteciam os eventos do Centenário, perceber outras pessoas se envolvendo e contribuindo – ou ao menos começando a se interessar pela figura de Nelson e por sua geração – foi experimentar uma forma essencial de retorno aos seus esforços. Dedicada a cuidar de uma *preciosidade para o Brasil*, ela pôde testemunhar o cintilar de uma *chama* de valorização da nossa história:

Foi uma chama que se acendeu e, como a nossa memória é curta, depois que passou o Ano do Centenário, também se apagou, não é?

Ansiando pelo alastrar-se dessa chama, ela sabe que a cada um é dada a liberdade de aderir ou não aos valores reconhecidos, de abraçar ou não a causa da memória. Tendo feito tantas propostas, Olga ainda aguarda ressonâncias e segue aberta a questão: *como levar isso a diante?* Descobrimo-nos doente e percebendo que, por mais que se empenhe e convide, não pode garantir a adesão do outro, ela anuncia estar *encerrando o ISEB*. Ante o limite da própria vida, elabora que não pode ser responsabilidade de um só a missão de sustentar o valor da história de um país. Ao mesmo tempo, colhemos em sua elaboração que a vivência do drama da continuidade não ofusca a percepção de *ter feito a sua parte*: diante da evidência de que o futuro é incerto, constantemente reafirma a certeza de ter dado a sua *contribuiçãozinha*.

Em suma, na análise da experiência, vimos que Olga apreende o próprio ser no chamado a cuidar de algo que é precioso e maior que si, no sentido de que se refere a um horizonte mais amplo que o de seus interesses particulares. Sua personalidade se expressa em sua resposta: dar o seu sim e dedicar-se inteiramente ao que identifica como valor é elaborado como correspondente a si mesma. Em seu trabalho em prol da promoção da memória de seu pai e dos Anos Dourados, apreendemos que o valor que ela afirma é a grandiosidade da história brasileira e da importância que *tenhamos orgulho do que é nosso*. Surpreendendo-se com os retornos que o seu gesto alcança, Olga vive a experiência de descobrir o próprio ser também como amparado e, ao mesmo tempo em que sabe não poder garantir a continuidade de sua obra, reconhece a importância de ter dado a sua resposta.

Discussão e conclusões

Na narrativa de Olga, vimos como, enquanto se dedicava a outras questões, descobriu-se solicitada a cuidar de algo que para ela é valor. Dando sua resposta positiva a esse chamado, reconhece tanto ter dado uma contribuição real quanto ter se realizado pessoalmente. No caso do Centenário de Nelson, acolhendo essa convocação, no mesmo ato ela responde afirmativamente ao dever que emerge na percepção do próprio ser e cuida da tradição de que é herdeira, promovendo seu conhecimento entre as novas gerações. E, quando contempla a conflagração que viabilizou o alcance que *excedeu em muito sua capacidade pessoal*, ela elabora tanto reafirmando o valor da tradição que estava propondo, quanto reconhecendo o próprio ser como protegido por um Outro.

Percebemos que ela apreende o próprio ser enquanto nos apresenta suas decisões de se dedicar a cuidar de outrem – ou da memória de outrem – enfatizando questionamentos que surgiram em sua experiência. Para melhor compreender esse dinamismo, buscamos em Safra (2006) a descrição de como interrogações que remetem ao horizonte do sentido podem ser ocasião da pessoa, envolta nos condicionamentos de sua existência, se reconhecer aberta à esfera ontológica, ao que é radical no próprio ser. Olga elabora essa abertura ao se perguntar como poderia e deveria responder à fragilidade da memória de seu pai e dos Anos Dourados, e nesse movimento, entendemos que ela está também se perguntando sobre quem é e sobre como deve se posicionar no mundo.

No modo como Olga se posiciona a partir dessa abertura à experiência ontológica, vimos que ela se percebe chamada a responder em primeira pessoa aos valores prioritários que apreende na própria vida: cuidar de uma memória que é preciosa para o Brasil e pode se perder. Respondendo afirmativamente a esses chamados, expressa como no mesmo ato realiza a própria estrutura e afirma esses valores como estruturantes do seu mundo-da-vida. Nesse sentido, com Stein (2007), entendemos que esses valores referem-se ao núcleo da sua pessoa: afirmá-los no mundo coincide com afirmar a si mesma.

Além disso, Safra (2006) também nos auxilia a aprofundar o dinamismo da experiência de Olga quando ela nos apresenta a desproporção entre a própria limitação em concretizar suas aspirações e a excepcionalidade da conflagração de acontecimentos no ano do centenário. Buscando uma leitura interior dessa experiência, identificamos como a constatação de uma direção inesperada no encadeamento de fatos é elaborada expressando a

abertura do ser finito a um horizonte infinito. Nesse processo, apreendemos o que Stein (2007) descreve como descobrir-se sustentado pelo Ser e entendemos que para Olga isto significa tanto afirmar a força do que vivenciou e a razoabilidade da integração entre os planos material e espiritual, quanto manter-se aberta a reconhecer outras visões de mundo que, lendo os mesmos fenômenos, chegam a compreensões diversas da sua.

Um outro diálogo que se mostra pertinente é com Benjamin (1994), que reconhece no trabalho da memória a possibilidade da redenção. Embora a irreversibilidade da história impeça que os injustiçados recebam reparação no curso social dos acontecimentos, para que a humanidade possa se redimir, é fundamental submeter o projeto à memória. Entendemos que Olga em certo sentido dedica-se a esta redenção de que fala Benjamin tendo consigo a consciência do aborto operado pelo golpe de 1964. Entretanto, para ela não se trata de remoer as feridas do passado para gerar motivação para a mobilização no presente. Na análise da experiência de Olga, ao invés, vimos que ela não se ocupa prioritariamente em revidar o golpe deferido contra seu pai e a geração dele, mas sim em difundir a potência de um acontecimento histórico: a integração que eles viviam e a amplitude do projeto que gestavam, de tal modo que possa se alastrar a admiração e a valorização que ela experimenta em primeira pessoa. Nesse sentido, compreendemos que, dedicando-se integralmente a esta difusão e não se envolvendo com os movimentos de reparação, Olga nos mostra que o foco dela não está no embate contra a injustiça, mas na certeza quanto ao valor do que foi abafado e que precisa ser continuamente afirmado.

Uma diferença que pode parecer sutil, mas que pudemos reconhecer como fundamental ao nos voltarmos para a relação entre experiência ontológica e tradição. A análise nos indica que Olga reconhece o valor daquela geração de modo profundamente pessoal: a maturidade humana e cultural deles a formou e é por ela reconhecida como pessoal e coletivamente correspondente. Assim, não é por um revanchismo ou um saudosismo que ela propõe que os projetos de hoje se ancorem no trabalho da memória, mas sim por reconhecer em si a urgência de responder à preciosidade daquele período, isto é, por perceber o chamado a cuidar como uma expressão do seu próprio ser que ela não pode negligenciar.

Nesse sentido, a análise da experiência de Olga nos ajuda a avançar no entendimento de como pode se constituir um verdadeiro compromisso entre gerações. Um desafio que pode ser encarado como um estorvo por olhos formados no imediatismo, ou pode – como a experiência

de Olga nos testemunha – ser vivido como chamado a responder a valores que se enraízam no próprio núcleo pessoal. O modo como ela elabora ter feito o elo de gerações se apresenta a nós como uma possibilidade de compromisso com o passado que não provém de um dever imposto ou de uma reatividade, mas de uma atenção à própria experiência que permite viver a tradição de modo vitalizado: sintonizado com o que é correspondente ao próprio ser e empenhado em despertar o maravilhamento com o passado como forma privilegiada de promover uma memória realmente viva – o que entendemos ser a expressão da redenção que Benjamin tanto almejava.

Em suma, como verdadeira guardiã de memórias contemporânea, Olga nos ensina que conhecer é muito mais do que ter informação: é admirar, se inspirar e se reorientar por algo que existiu. É reconhecer que afirmando a preciosidade de algo que vem do passado num só gesto podemos revitalizar a tradição, expressar nossa personalidade e perceber o que corresponde ao nosso ser. Com Olga, aprendemos como, diante de um aborto operado contra uma geração e sua memória – tal como ela afirma ter acontecido em decorrência do golpe de 1964 –, podemos propor uma redenção que se caracteriza não como revanchismo, mas como expressão de memória viva que colhe a maravilha no passado e, desejosa de continuidade, a oferece ao futuro uma resposta pessoal ao chamado advertido na própria experiência.

Referências

- ALES BELLO, A. *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. Tradução de A. Angonese. Bauru: Edusc, 1998. 200 p.
- AUGRAS, M. *Alteridade e dominação no Brasil: psicologia e cultura*. Rio de Janeiro: Nau, 1995. 180 p.
- BARREIRA, C. R. A.; RANIERI, L. P. Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Org.s). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013, p. 449-466.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução de P. Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 258 p.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito da história. IN BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7 ed. Tradução de S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.

- BORGHESI, M.. *El sujeto ausente: educación e escuela entre el nihilismmo y la memoria*. Tradução de J. A. Alcaraz. Lima: Fondo Editorial UCSS, 2007. 172 p.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 484 p.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.
- HUSSERL, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Tradução de M. Suzuki. Aparecida: Idéias e Letras, 2006. 383 p.
- HUSSERL, E. *A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. Tradução de D. F. Ferrer. São Paulo: Forense Universitária, 2012. 559 p.
- LEITE, R. V. *Experiência ontológica e tradição na experiência de guardiões de memórias*. 2015. 231 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- LEITE, R. V. *Pesquisa fenomenológica de um encontro intercultural: a experiência de crianças da comunidade tradicional de Morro Vermelho*. Curitiba: Appris, 2016. 218 p.
- LEITE, R.V.; MAHFOUD, M. Contribuciones de la fenomenología a la investigación sobre la cultura popular y la educación. *Krínein*, Santa Fe, n. 7, p. 127-150, 2010.
- LEITE, R. V.; MAHFOUD, M. Posicionamento pessoal, continuidade da tradição e transformação na escola na comunidade rural de Morro Vermelho. In MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Org.s). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013, p. 321-358.
- MAHFOUD, M. *Folia de Reis, festa raiz: psicologia e experiência religiosa na Estação Ecológica Juréia-Itatins*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003. 163 p.
- SAFRA, G. *Hermenêutica na situação clínica*. São Paulo: Sobornost, 2006. 170 p.
- SIMSON, O. R. M. *Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento*. *Augusto Guzzo Revista Acadêmica*, São Paulo, n. 6, p. 14-18, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.22287/ag.v0i6.57>. Acesso em 8 set. 2014.
- STEIN, E. Ser finito y Ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser. In STEIN, E. *Obras Completas, v. III: escritos filosóficos (etapa de pensamiento cristiano)*. Tradução de A. Pérez e cols. Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 589-1201.
- VAN DER LEEUW, G. *Fenomenología de la religión*. Tradução de E. de la Peña. México: Fondo de Cultura Económica, 1964. 687 p.